



Do Atlântico ao Índico – Crónica contemporânea em países africanos lusófonos

Alice Trindade, CAPP, ISCSP, Universidade de Lisboa¹

Isabel Soares, CAPP, ISCSP, Universidade de Lisboa²

Resumo: O objeto desta pesquisa é a escrita jornalístico-literária de autores africanos, de Língua Portuguesa, no Século XXI. O estudo consistirá na análise de crónicas, que se constituem como peças representativas do jornalismo literário lusófono no Sul Global. O nosso objeto de análise serão as narrativas de vidas moçambicanas e angolanas publicadas, respetivamente, pelos jornalistas Luís Carlos Patraquim, fundador da Agência de Informação de Moçambique, e Luísa Rogério, atualmente Conselheira da International Federation of Journalists, e anteriormente Secretária Geral da União de Jornalistas Angolanos.

Palavras-chave: Jornalismo literário; Crónica; Português; Angola; Moçambique.

1. Crónica e lusofonia

Ao falar-se de jornalismo literário tem-se em conta o género jornalístico caracterizado pelo modo narrativo e recurso a uma estética literária que inclui estruturas complexas, simbolismo, voz autoral e desenvolvimento de personagens (Sims, 2007, p. 6). Neste esteio, a crónica é uma especificidade jornalística-literária oferecida pelos idiomas português e castelhano, sendo, aliás, desconhecida da língua inglesa (Cuartero

¹ Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa. Investigadora do Centro de Administração e Políticas Públicas. E-mail: atrinda-de@iscsp.ulisboa.pt

² Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa. Investigadora do Centro de Administração e Políticas Públicas. E-mail: isoares@iscsp.ulisboa.pt

2017, p. 703) e uma das formas em que melhor se revela o jornalismo narrativo, vulgo literário, na língua castelhana (García Galindo e Naranjo Cuartero, 2016).

Centrada em línguas latinas, originárias da Península Ibérica, a crónica enforma, assim, uma forma particular de jornalismo literário diretamente relacionada com pertença linguística. Na diáspora global que tomaram o português e o castelhano, também a crónica transcendeu o *locus* europeu original para se internacionalizar no jornalismo lusófono e hispano-falante transcontinental. Nesta geografia, a África lusófona compreende países com uma rica tradição jornalística-literária que tem vindo a ser diacronicamente estudada em anos recentes, nomeadamente em relação a textos jornalístico-literários dos jornalistas cabo-verdianos Pedro Cardoso (Trindade, 2012) e Ernesto Lara Filho (Trindade e Soares, 2018) e dos jornalistas angolano e cubano Luís Fernando e Enrique Núñez Rodríguez (Trindade, 2016; 2019). Importante afigura-se, agora, alargar a visão que permita o enfoque na cronística africana contemporânea de língua portuguesa que, simultaneamente, abarque algum contributo moçambicano. Desta feita, viramos para as crónicas de Luísa Rogério e de Luís Carlos Patraquim produzida já no pós milénio e que, nesta escolha, se centram, respetivamente, nos dois maiores países de expressão portuguesa em África: Angola e Moçambique.

A dupla pertença a línguas com origem na Península Ibérica, expressa em forma cronística, adquirindo outras asas nos continentes africano e americano está patente na obra de Trindade (2019) referida, pois é possível traçar influências, em autores angolanos como Luís Fernando, de cronistas latino americanos, referenciados claramente nesse sentido pelo jornalista africano. Luísa Rogério, pelo seu lado, é jornalista angolana que ademais tem papéis relevantes no universo profissional angolano e internacional. Rogério exerceu mandatos sucessivos como Secretária-Geral do Sindicato dos Jornalistas Angolanos (SJA), entre 2004 e 2015, e no ano de 2019 foi eleita membro da Comissão Executiva da Federação Internacional dos Jornalistas, cargo pela primeira vez atribuído a um jornalista angolano. Veremos o que têm em comum um autor moçambicano e uma autora angolana que partilham língua e género jornalístico em dois grandes países africanos do Sul Global.

2. Crónicas incendiárias de Luís Carlos Patraquim

Se Angola representa a costa atlântica da África luso-falante, Moçambique é a “contra-costa”³ oriental banhada pelo Índico. A igual modo que Angola, a independência face a Portugal foi obtida em 1975, após um longo período de luta armada, ao que se seguiu uma fase conturbada de guerra civil que se prolongou entre 1977 e 1992. Trata-se, identicamente a Angola, de um país multilíngue em que a língua oficial portuguesa comparte território com línguas autóctones. No caso moçambicano destacam-se línguas bantos como o macua e o sena e outras como o tsonga num agregado linguístico de mais de quatro dezenas de línguas em que o português funciona por vezes como *lingua franca* de contacto interlinguístico (Amorim e Soares, 2014, p. 81).

Apesar das contrariedades da história recente, Moçambique goza de um rico panorama patrimonial literário e jornalístico em que não raramente os escritores (poetas, contistas, romancistas) exercem também como jornalistas como no caso da poetisa Noémia de Sousa (1926-2002). Para o nosso propósito, importa salientar que é na crónica que fazem a sua intervenção jornalística escritores como o galardoado Mia Couto (1955), o renomado poeta José Craveirinha (1922-2003) ou Luís Carlos Patraquim (1953) que empresta o *corpus* à nossa análise.

Além de jornalista, Patraquim tem obra poética, recipiente do Prémio Nacional de Poesia de Moçambique em 1995, e de roteirismo para cinema e teatro. Em 2012 publicou uma compilação de crónicas, dadas a lume em diversos órgãos da imprensa portuguesa e moçambicana, intitulada *Manual para Incendiários e Outras Crónicas*, fulcro da nossa análise presente. Interessantemente, de uma leitura diagonal desta compilação ressalta que o tema “crónica” é reiterado na atenção do cronista. Logo na primeira, “Crónica Sem Título”, Patraquim questiona, sem achar resposta, o que se entende por crónica: “Crónica. O que será isso? Referente a quê?” (2012, p. 5). Numa outra, denominada “Sombras”, oferece uma tentativa descritiva de crónica: “[...] A crónica tem as suas estratégias. Impõe uma espécie de fenopeia, uma autonarratividade genética” (2012, p. 11). Desta citação, retemos que, na interpretação do autor, crónica cola-se ao

³ Tomamos aqui a expressão cunhada no relato novecentista da expedição cartográfica entre Angola e Moçambique liderada pelos exploradores Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens: *De Angola à Contra Costa* (1886).

que entendemos por jornalismo literário. Na “autonarratividade” encontramos o modo narrativo e a voz autoral que, como vimos, são basilares ao jornalismo literário. Ademais, a “fenopeia”, a visualidade das palavras, encontra reverberação nos recursos literários de que aquele se socorre. Nesta atenção à crónica é também a ela que Patraquim gosta de regressar, constatação havida na metáfora “Regressar à crónica como quem retorna ao lugar do crime” (2012, p. 17) com que inaugura a que se intitula “Uma Coisa Desagradável no Rosto”.

Recorrentemente nas crónicas de Patraquim, uma das contribuições literárias mais significativas, diríamos “incendiárias” para nos apropriarmos do título que o autor usa para a sua compilação, é a plasticidade criativa vocabular. Exemplos abundam do uso livre que Patraquim faz da língua portuguesa. Por vezes são criados e conjugados novos vocábulos: “outridade” (2012, p. 26), “avizinhações” (2012, p. 32), “ignorantismos” (2012, p. 33), “confusiona” (2012, p. 35). Por outras, justapõem-se palavras autóctones com palavras portuguesas que resultam em palavras como pontes entre diversidades linguísticas, como no caso de “mufanagem” (2012, p. 32), o encontro entre a palavra xona para jovem ou garoto, *mufana*, e a sufixação portuguesa que transforma substantivos em ações, *agem*. Ou seja, na crónica aloja-se a possibilidade linguística criativa que não se encontra no jornalismo convencional e que é uma das características permitidas pelo jornalismo literário.

Tematicamente, as crónicas de Patraquim não se alinham com nenhum assunto em particular, existindo na multiplicidade de tópicos que se apresentam prementes no momento da escrita. Em “Uma Variação Sobre a Saudade”, a crónica é espoletada pela participação do autor num debate, em Lisboa, sobre saudade. A partir daí discorre sobre as variações linguísticas do português, da “impossibilidade absoluta de ter saudades do império” (2012, p. 29) numa alusão histórica a um passado que uniu Portugal aos destinos de vários povos, e de como saudade apenas existe na língua camoniana. Aliás, o discorrer sobre a língua é um dos mais ricos assuntos das crónicas de Patraquim.

Também assuntos das notícias correntes animam as crónicas de Patraquim. Aludindo à devastação causada pela passagem em Moçambique do ciclone Favio em fevereiro de 2007, o cronista refere-se ao fenómeno atmosférico como “uma autorização de sacanagem que veio do Índico” (2012, p. 85) e, usando o paralelismo coincidente do furacão

Katrina que varreu os Estados Unidos no ano anterior, une a fealdade destrutiva destas tempestades ao “*glamour*” (2012, p. 86) com que, nesse mesmo mês, Hollywood confe-re um Óscar a Al Gore pelo seu filme documentário *Uma Verdade Inconveniente*⁴. Gore ganha aquele galardão por um filme sobre alterações climáticas e devastação numa ce-rimónia cheia de beleza, epitomizada pela presença “retumbante” (2012, p. 86) de Jen-nifer Lopez. É, portanto, na antítese que Patraquim se refere ao cataclismo das altera-ções ambientais, de que o ciclone Favio é um dos rostos, com a exuberância bela de Hollywood e a sua homenagem a um filme sobre devastação à escala global.

O tema da língua, nomeadamente da portuguesa, e do uso que se lhe dá é uma das recorrências temáticas da crónica de Patraquim. Em “A Cabelaria da Língua”, o cronista detém-se na contemplação da evolução linguística do português global, não mais a língua imperialista, mas língua já liberta “da canga colonial, do estigma rácico e terrível do *pretoguês*” (2012, p. 54. sublinhado no original). Fascinado por esta língua de amplas e flexíveis possibilidades, Patraquim fala da moçambicanização do português como evolução positiva da língua, a qual não deve “ser só por si motivo de uma espécie de satisfação lusofonista especial” (2012, p. 55). Mais do que isso, “este *português* é de todos porque é nosso” (2012, p. 54. sublinhado no original) e, dessa feita, implícito fica que a língua, além de operar a ponte com um passado “aglutinando parolice e arrogân-cia imperiais” (2012, p. 54), é o instrumento que o aligeira num presente “em merengue de samba com chigubo e fado, tudo a marinar em morna de sonhar na madrugada que desponta” (2012, p. 56). A língua é, pois, um local de encontro intercultural rico de to-dos os falantes da lusofonia.

Em suma, através da crónica, Luís Carlos Patraquim tece retratos intimistas da sua apreensão do real envolvente numa espécie de pequenos instantes ou episódios ur-didos por um uso livre e criativo da língua portuguesa através de uma das formas de que se veste o jornalismo literário lusófono.

⁴ O filme de 2006 *Uma Verdade Inconveniente*, no original *An Inconvenient Truth*, foi galardoado em 2007 com os óscares para melhor documentário e melhor banda sonora original.

3. As crônicas online de Luísa Rogério

Se Patraquim publicou em livro as suas crônicas incendiárias, Rogério optou pelo suporte digital de uma publicação online, o *Rede Angola* que cessou atividade em maio de 2017. Este projeto pretendia um espaço de jornalismo liberto de influências políticas, económicas ou outras e, no último editorial, Sérgio Guerra refere que foi possível fazer jornalismo livre em Angola entre 2014 e 2017⁵, período problemático para elementos de oposição ao poder de Eduardo dos Santos, como no célebre caso dos revus⁶.

Luísa Rogério, jornalista de meios *mainstream* como o *Jornal de Angola*, esclarece a sua colaboração neste suporte, na primeira crónica publicada, “Promessas Íntegras”: “Em 2014, desejo ser cidadã de um país onde se respeitam os valores proclamados na sua Constituição, o que implica respeito pelas liberdades e pelas minorias. Resumindo, desejo um país de mulheres e homens íntegros!” (Rogério, 2014). O período 2014-2017 foi o período de ocaso de um dos Chefes de Estado africanos que mais anos se manteve no poder mas, ainda assim, foi sucedido por outro Presidente, em eleições gerais e sem convulsões como as existentes em situações similares em outros países africanos.

Como procederá então a jornalista e representante internacional dos profissionais angolanos em meio online, bem menos reconhecido pelo público? Vai usar a crónica, o texto breve, pessoal e interpretativo, com diálogos reais e contextualização situacional breve mas que permite, ao leitor, colocar-se em situação e apreender o que se conta, como refere Jorge Carrión na sua coletânea de crónicas, “Mejor que ficción. Crónicas ejemplares”. Diz o editor desta obra:

⁵ Ver artigo em <http://www.redeangola.info/> Guerra refere, por exemplo, no seu editorial: “Mas, do ponto de vista da censura, nunca foi um problema para nós mesmo quando fizemos a primeira linha de informação sobre o episódio dos “revus”. É claro que, do ponto de vista pessoal, vários tentaram nos prejudicar para afirmar os seus interesses, mas nada disso abalou a nossa determinação.”

⁶ Ver artigo contemporâneo do Jornal de Angola, “Tribunal condenou revus” edição de 29 de março de 2016, http://jornaldeangola.sapo.ao/politica/tribunal_condenou_revus, que noticia a condenação do grupo de ativistas a penas de prisão. Refere-se no artigo: “Na sentença, o juiz Januário José Domingos considerou, entre muitos argumentos, que os réus formaram uma associação de malfeitores para destituir o Presidente da República e os titulares dos órgãos de soberania e substituir por pessoas de sua confiança. (...) O advogado Francisco Michel mostrou-se inconformado com a decisão do juiz e disse que “vai até às últimas consequências, porque Angola é um Estado de Direito”.

Porque una crónica (un documental) debe ser mejor que la realidad. Su orden o su aparente caos, su estructura, su técnica, sus citas, la presencia del autor tienen que comunicar el sosiego que la realidad no sabe transmitir: lo he entendido por ti, lector, que ahora, a tu vez, lo entiendes. (Carrión, 2012, p. 15)

E assim faz Rogério, sobre os mais variados temas. Acerca do massacre de 1994 no Ruanda, recorda a jornalista acerca da crónica que escreveu quando visitou o país, em 2012: “Apesar do esforço para encontrar a objectividade que se exige de um relato jornalístico, não soube escrever aquela crónica sem expor as minhas próprias fragilidades. Não estava preparada para lidar com tantas emoções” (Rogério, *Memoriais do Passado*, 2014). Rogério situa os leitores no ambiente de um genocídio selvagem, que ninguém consegue explicar, muito menos ela própria, a jornalista que pretende cumprir ditames da profissão, mas não o consegue fazer em situações inumanas como essa.

Em tom mais ligeiro, em “Futebol e Deveres de Casa”, esclarece a jornalista, acerca do tema e do próprio género do texto:

Questões supostamente triviais podem resultar em interessantes abordagens. Portanto, não faltam assuntos para preencher a crónica, este que é o género mais democrático do jornalismo. Mas hoje apetece-me apenas escrever sobre algo que, para mim, já furou todas as balizas. O que mais poderia ser? Futebol nacional! (Futebol e deveres de casa, 2014)

O género mais democrático do jornalismo é, de acordo com a jornalista, a crónica, pois nele cabem todos os temas. Finalmente, a escrita de crónicas parece desafiar, pelo menos parcialmente, o conceito de *gatekeeping* que, de acordo com Shoemaker e Vos, consiste num processo de escolha e manuseamento dos inúmeros itens informativos presentes na sociedade, para se transformarem no número reduzido de mensagens que os elementos do público conseguem acolher em cada dia (Shoemaker & Vos, 2009, p. 1). A teoria de *gatekeeping* referida na mesma obra sugere ainda que mais diversidade de meios pode providenciar mais diversidade de abordagem noticiosa, mas também uma similitude exagerada entre os temas ou mesmo formas de os tratar (Shoemaker & Vos, 2009, p. 2). Em que medida conseguirá Rogério com as suas crónicas *online* escapar a lugares comuns jornalísticos que Patraquim evita na escolha de temas e de vocábulos e construção?

Ora, a escritora angolana vai buscar tema até à sua própria pessoa e suas limitações, como na crónica de 2015 “Juventude e inquietudes” em que começa por falar de um mal que a aflige, os derrames oculares e a coceira que provocam. Invoca até José

Saramago na ajuda à escrita de uma crónica em estado de confusão ocular, imaginando chamar à crónica, “Ensaio sobre uma quase cegueira temporária”. E continua a autora:

A alma do nosso Nobel recusou-se a abençoar matéria sobre a qual, se calhar, queria distância. O fracasso do ensaio não se terá devido ao escritor se ter declarado ateu. Tão pouco a qualquer intento de usurpação do conterrâneo alheio porque o “nosso” em questão é legitimado pelo facto de a língua portuguesa constituir património comum. (Rogério, Juventude e inquietudes, 2015)

Aqui, Rogério assume o ‘nosso’ Nobel, o autor português galardoado com o Prémio Nobel para a Literatura em 1998, e a pertença é outorgada pela língua comum, o código linguístico partilhado por sociedades tão dispersas pelo mundo, mas que comungam do mesmo veículo de comunicação.

Rogério foca temas que se lhe oferecem no quotidiano, escolhendo como género para as expressar a crónica, a forma mais democrática de jornalismo. Considera o seu país especialmente predestinado a fornecer bons temas de crónica. Em “O meu sangue é melhor do que o teu”, explora questões partidárias que envolvem assuntos médicos, uma ligação à primeira vista inusitada, mas que os tempos Covid de 2020 parecem sancionar. Escreve a autora:

Angola é fértil em acontecimentos caricatos. Aqui sucedem-se factos dignos de preencher infinitas crónicas do quotidiano. No dia seguinte surge sempre matéria relevante. O inusitado faz as delícias dos consumidores de tragédias humanas. A nossa oblíqua realidade deixa no chinelo exímios criadores de piadas grotescas. (O meu sangue é melhor do que o teu, 2016)

A originalidade de recusar ajuda médica por organizações que não comungam dos mesmos ideais políticos é aqui questionada, assunto delicado e problemático em sociedade muito fracionada politicamente e que cabe numa reflexão breve e certa. O exercício de *gatekeeping* desta jornalista, aliado às características jornalístico-literárias da crónica, permite abordagem de tema controverso e a sua chegada ao público.

Conclusão

Se Patraquim urde as suas crónicas no português moçambicano das margens do Índico, Rogério aposta nas novas tecnologias e na sua capacidade de fazer chegar aos

leitores as crônicas de um tempo de mudança e questões domésticas do final de um ciclo político por uma rede *online*.

Ambos chamam os leitores para dentro dos seus textos, onde os leitores claramente reconhecem circunstâncias que os tocam, incomodam, divertem. Ambos envolvem a experiência de uma língua plástica e inclusiva, que viaja entre continentes e se enriquece em cada um deles, transportando experiências e vivências consigo. Se o jornalismo literário compreende, como referido no início e de acordo com Sims, estruturas complexas, simbolismo, voz autoral e desenvolvimento de personagens (2007, p. 6), a especificidade da crônica nas duas línguas de origem ibérica em particular a Língua Portuguesa aqui abordada, acrescenta especificidades de um Meridiano europeu transferido para um Sul Global.

Referências

- AMORIM, R.; SOARES, I. African Voices Spell Out a Harsh Reality: A Case-Study of English as International Language at a Portuguese University. **International Journal of Humanities and Social Science**, v. 4, n. 7, p. 78-86, 2014.
- CARRIÓN, J. **Mejor que ficción. Crónicas ejemplares**. Barcelona: Anagrama, 2012.
- COSTA, A. Tribunal condenou "revus". Obtido de **Jornal de Angola**, 29 mar. 2016. Disponível em: http://jornaldeangola.sapo.ao/politica/tribunal_condenou_revus Acesso em: 28 jul. 2020
- NARANJO, A. C.. **Periodismo Narrativo (2008–2016): una nueva generación de autores españoles**. Tese (Doutorado em Jornalismo), Facultad de Comunicaciones. Málaga: Universidad de Málaga, 2017.
- GALINDO, J. A.; NARANJO, A. C. La Crónica en el Periodismo Narrativo en Español. **Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 23, n. supl., 2016.
- PATRAQUIM, L. C.. **Manual para Incendiários e Outras Crônicas**. Lisboa: Antígona, 2012.
- ROGÉRIO, L. Memoriais do Passado. **Rede Angola**, 3 mar. 2014. Disponível em: <http://www.redeangola.info/opiniao/memoriais-do-passado/> Acesso em: 28 jul. 2020
- ROGÉRIO, L. Futebol e deveres de casa. **Rede Angola**, 17 nov. 2014. Disponível em: <http://www.redeangola.info/opiniao/futebol-e-deveres-de-casa/> Acesso em: 28 jul. 2020

ROGÉRIO, L. Promessas Íntegras. **Rede Angola**, 27 jan. 2014. Disponível em: : <http://www.redeangola.info/opiniao/promoessas-integras> Acesso em: 28 jul. 2020

ROGÉRIO, L. Juventude e inquietudes. **Rede Angola**, 6 jul. 2015. Disponível em: <http://www.redeangola.info/opiniao/79442-2> Acesso em: 28 jul. 2020

ROGÉRIO, L. O meu sangue é melhor do que o teu. **Rede Angola**, 27 mar. 2016. Disponível em: <http://www.redeangola.info/opiniao/o-meu-sangue-e-melhor-do-que-o-teu/>. Acesso em: 28 jul. 2020

SHOEMAKER, P.; VOS, T. P.. **Gatekeeping Theory**. New York: Routledge, 2009.

SIMS, N. **True Stories: A Century of Literary Journalism**. Evanston: Northwestern University Press, 2007

TRINDADE, A. Lush Words in the Drought. The Writings of Capeverdian Journalist Pedro Cardoso. In: KEEBLE, R. (Org.), TULLOCH, J. (Org.). **Global Literary Journalism: Exploring the Journalistic Imagination**. Nova Iorque: Peter Lang Publishing, 2012, p. 287-298.

TRINDADE, A. Angola: Território e Identidade. As Crónicas de Luís Fernando. **Revista FAMECOS. Midia, Cultura e Tecnologia**, v.23, n. supl., p. 1-23, 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.s> Acesso em: 28 jul. 2020

TRINDADE, A.. O Espaço transatlântico sul e os movimentos e influências na escrita jornalística Angola/América Latina: A Crónica. **TSN Revista de Estudios Internacionales**, v. 8, 2019. Disponível em: http://transatlanticstudiesnetwork.uma.es/wp-content/uploads/2020/07/monografico_7.pdf Acesso em: 28 jul. 2020

TRINDADE, A; SOARES, I.. Escrita Lusófona e Cidadania: Normas de Estilo, de Conteúdo e de Significado. In: SEBASTIÃO, Sónia (Org.), **Cidadania Lusófona**. Lisboa: Edições ISCSP, 2018, p.201-221.